*Para os meus avós,*
*Henry* 陸海林, *Eileen* 康秋季, *Larry* 陳隆寶 *e Chi-Yen* 張笋翊,
*que consigo levaram as suas origens, por onde quer que amaram.*

# *Apontamentos sobre os idiomas*



Um dos desafios inerentes à redação de uma história sobre a diáspora chinesa e taiwanesa na língua inglesa passa por determinar a representação fiel dos diferentes idiomas sínicos, próprios de cada região (e que até variam, por vezes, dentro da mesma região). Uma vez que a forma escrita do chinês recorre a um sistema representativo (e não fonético), a mesma palavra, na forma escrita, pode variar na pronúncia, dependendo do idioma do falante. Os nomes também são afetados. Considerando que as minhas personagens se vão deslocando por regiões em que o chinês é falado de formas distintas, fiz questão de conotar esta transição de códigos com alguma precisão. Daí que as mesmas personagens sejam mencionadas de inúmeras maneiras, o que inclusive permite alargar ou alterar o conceito que estas fazem de si mesmas, numa dada situação ou com o passar dos anos. Foi por este motivo que não identifiquei os capítulos com o nome das personagens, pois estes nomes vão evoluindo com o tempo.

Um leitor astuto também reparará na circunstância de o romance ser narrado a partir de pontos de vista alternados e na de que a narrativa de Suchi progride temporalmente, ao passo que a de Howard regride, a não ser em casos pontuais.

O mandarim é representado quase sempre em pinyin, embora haja exceções, em particular quando a ação se situa em Taiwan ou para romanizações de uso comum (por exemplo, «Chiang Kai-shek»). Outras línguas sínicas são representadas com uma mistura de sistemas

de romanização comummente aceites, incluindo a minha própria perceção da forma de pronunciar as palavras.

Para a maioria dos povos, ter de aprender mais do que uma língua é uma necessidade, consequência das migrações ou do mero facto de habitarem locais globalizados e a sobrevivência assim o exigir. Trata-se de um dom que requer, da pessoa, a capacidade de se adaptar e aceitar desafios, e, para muitos imigrantes, é uma das experiências mais difíceis, desconfortáveis e humilhantes quando entram num país novo. Leitor, se se sentir confuso, conto consigo para que não desista, para que se lembre daquilo por que passam estas pessoas, que todos os dias têm de lidar com a dificuldade de se exprimir, e, mesmo assim, vão em frente.

那些消逝了的歲月，彷彿隔著一塊積著灰塵的玻璃，看得到，抓不著。

他一直在懷念著過去的一切。如果他能衝破那塊積著灰塵的玻璃，他會走回早已消逝的歲月。

—花樣年華 (根據劉以鬯的《對倒》改編的)

Era como se ele os observasse atrás de uma janela suja, aos anos de outrora que podia ver, mas não tocar. Ansiava por poder reviver tudo o que acontecera no passado. Se ao menos lhe fosse permitido partir o vidro imundo, recuperaria os anos há tanto tempo desvanecidos.

— *In the Mood for Love*
(citação adaptada de «Intersection», de Liu Yichang)

「世鈞，我們回不去了。」

—張愛玲《半生緣》

Shijun, não podemos voltar.

— Eileen Chang, *Half a Lifelong Romance*

# *Abertura*



## Abril de 1947
Xangai

Nos últimos minutos violeta em que a noite se esvai, o longtang desperta.

A habitual sinfonia do bairro abre com a chegada do homem que recolhe os excrementos: o ranger do carrinho na rua irregular, o toque do sino. Com um deslizar viscoso, esvazia as latrinas que os habitantes deixaram em frente das portas uniformes e entoa um refrão de despedida. Atrás de si, gemem escadas e dobradiças; as mulheres espreitam para o beco e recuperam os penicos virados. Agacham-se de cócoras e limpam o lodo dos baldes de madeira: paus de bambu estalam, conchas de amêijoa chocalham, e das torneiras da porta das traseiras gorgoleja água, que começa a jorrar. Ao terminarem, já apareceu a vendedora de papas doces, anunciando os seus artigos numa lengalenga repetitiva enquanto vai empurrando o carrinho. Mais tarde, outros se lhe juntarão: o homem dos ovos cozidos com chá, o negociante dos doces de xarope de pera, os vendedores de vegetais e arroz, cada qual anunciado pelas suas melodias de longa data. Mas, por ora, apenas o cantar solitário da mulher, enfiando-se pelas travessas de Sifo Li.

Passa pelo shikumen da família Zhang, a sexta casa alinhada ao longo deste perímetro. No seu interior, no segundo piso, dorme Suchi, com os seus dezasseis anos, num sono agitado após horas de choro, braços e pernas enrolados no fino lençol de algodão, embebendo o

colchão em suor. Está fechada num pesadelo em que Haiwen já não a reconhece. Uma película delicada de lágrimas ressequidas traça-lhe um círculo em volta das pestanas.

A seu lado, encontra-se Sulan, a filha mais velha dos Zhang, que voltou sorrateiramente para casa há apenas uma hora. Tem a pele impregnada de tabaco e de álcool e de suor. Dorme em paz, sonha que dança, vestida com um lindo vestido cor de ameixa, de tafetá e seda, de braço dado com a melhor amiga, Yizhen.

Por cima delas, no quarto, o pai, Li'oe, continua na cama, incapaz de adormecer, perturbado pelas incertezas. Interroga-se quanto fabi do seu pé-de-meia terá desvalorizado durante a noite, quanto ouro poderá adquirir no mercado negro com o dinheiro que lhe resta. Pondera o custo continuado de manter a livraria, de imprimir os jornais clandestinos — tudo aquilo que está a subtrair à família, para não falar do perigo —, e, por um instante, a culpa assombra-lhe a orla dos pensamentos. Arrepende-se agora de ter empenhado o pequeno anel que comprou no dia em que Suchi nasceu, dois delicados volteios de ouro entrelaçados num só, que tencionava guardar como dote para a filha. Mas Sulan insistira que encontrara em segunda mão o tecido perfeito para tecer um qipao que Suchi podia usar no dia do aniversário, e ele aceitara dar o dinheiro à filha. Mas não consegue afastar a mente do quanto valerá agora aquele novelo de ouro.

Ao seu lado, a esposa, Sieu'in, finge dormir, finge ignorar a inquietude nervosa do marido. Percorre o inventário da comida guardada nas despensas — meia chávena de arroz vermelho arenoso e racionado, uma mão-cheia de cogumelos desidratados, couve que ela própria colheu há semanas, sobras de rabanete cozidas num caldo, um único talo de rabanete que lá induziu a que voltasse a crescer sob o sol primaveril. Consegue fazer render os ingredientes ao longo de uma semana inteira, talvez até semana e meia — preparando um congee aguado, mas saboroso, e quando nada mais lhes restar, pode esvaziar o saco do pó de arroz e ferver o conteúdo até formar um líquido leitoso que aparenta ser nutritivo. E depois? Decide que não pedirá mais dinheiro ao marido, para não ser mais um fardo nas suas arrelias. Restam-lhe algumas joias — por exemplo, a bracelete de jade que, nesse instante, encostou,

fresca, contra a face. Oferecida pela mãe, pertença do seu próprio dote, tem uma cor profunda, como as folhas negras das verduras que tão desesperadamente lhes fazem falta.

Piso e meio abaixo deles, no quarto dos hóspedes, Siau Zi, residente e funcionário, sonha com a filha mais velha dos Zhang. Sulan esboça um sorriso convidativo, lábios pintados de vermelho, cabelo penteado numa permanente e preso com um gancho. No sonho, ele é um sedutor nato; consegue, por fim, escolher as palavras certas que a fazem adorá-lo. *Vou poder tomar conta de ti*, diz-lhe ele. *Hei de ser alguém nesta nova China, vais ver*, e ela suspira e cai-lhe nos braços.

Através da janela de Siau Zi, vê-se o céu, que adquire uma violenta tonalidade rosada. A cantiga do bairro transita de tom à medida que os habitantes sacodem os sonhos e se levantam. Os apaixonados murmuram. As pedras de carvão nos fogões soltam estalidos. O óleo nas frigideiras começa a ferver, pronto a fritar os pequenos-almoços. As portas abrem-se com gemidos, os batentes metálicos dão cabeçadas contra as tábuas pesadas. Uma avó varre o chão à entrada do seu shikumen e a vassoura arranha as pedras da calçada num ritmo rápido. Uma criança chora, arrancada ao sono.

A mulher das papas prossegue caminho. Chama em vão, recordando os tempos em que os seus artigos faziam as delícias das crianças do bairro, antes da guerra, quando tinha meios para usar açúcar branco e arroz glutinoso, quando juntar embriões das sementes de lótus e xarope à base da flor-do-imperador era a norma, não um luxo impensável. Ao aproximar-se do shikumen em que vive a família Wang, detém-se e lembra-se de que o mais novo gosta particularmente desta sobremesa. Berra duas vezes: *Badaon tsoh! Badaon tsoh!*, num apelo gutural tão vigoroso como se chamasse pelo amado — mas responde-lhe apenas o ar imóvel e apagado das janelas de cima. Aguarda um pouco, depois limpa a testa com a manga, inclina-se para o carrinho e continua a avançar, arrastando consigo o eco da sua cantilena.

Mas o lar dos Wang está acordado.

Yuping não pregou olho em toda a noite; sente os olhos inchados e com olheiras. Tenta disfarçar o desespero com maquilhagem, mas ao encontrar o próprio reflexo no espelho, as lágrimas renascem.

Chongyi, o marido, finge que não reparou. Veste-se sem ruído, estica o cabelo com laivos grisalhos para o lado, usando um pente de dentes finos, e aplica óleo para o manter liso. Pensa oferecer ao filho, Haiwen, aquele pente. Foi esculpido a partir de uma peça de marfim, incrustado com madrepérola, uma vaidade frívola a que se agarrou durante todos aqueles anos em que tiveram de vender tanta coisa.

No quarto ao lado, a filha de onze anos, Haijun, vasculha o interior da caixa de música, em busca de uma recordação para oferecer ao irmão mais velho. Despejando-a no chão, agarra nas bonecas de papel recortadas, nas fitas para o cabelo, na flor de crepe vermelha que retirou do letreiro decorativo de uma loja. Tantos supostos tesouros, e, afinal, nada tem para lhe oferecer que seja digno desse nome. Furiosa, enrola-se dentro da manta, esperando sufocar na atmosfera húmida do seu bafo.

No quarto do sótão, o primogénito, Haiming, e a mulher grávida acordaram antes de a manhã nascer. O quarto fede a bílis, pois Ellen já vomitou duas vezes. Ela não pretende acompanhá-los depois à estação ferroviária, indica ao marido. Mas Haiming limita-se a encará-la, calado e soturno.

Haiwen é o primeiro a descer as escadas. Enverga a farda nova, as axilas já manchadas de suor, pois o tecido é pesado e inclemente. Sai para a rua, para o modesto pátio do shikumen, e contempla o vasto céu. A tonalidade rosada recua, cedendo lugar a um azul indeciso. Após alguns minutos, não restará nada daquela cor brilhante, somente um véu de nuvens finas, como uma camada de pele de leite de soja.

Presta atenção à sinfonia do longtang, o som reconfortante com que cresceu. Fecha os olhos e começa a rever, e a sinfonia deixa de o ser e torna-se um filme, mais enérgico do que os da sala de cinema: as vielas calcetadas, apinhadas de mercadorias e pertences. As crianças do bairro a correr atrás umas das outras, a rir de alegria. Quase derrubam o barbeiro, Yu yasoh, bem como o cliente, Lau Die, cujo cabelo é ralo, mas a barba, farta. Ao lado, a barraca do pequeno-almoço que Zia yasoh abre todos os dias, mais o condutor de riquexó que ali se senta num banco baixo enquanto sorve uma tigela de leite de soja. A janela do segundo piso abre-se para que Mo ayi possa chamar a atenção de

um vendedor que passa, e este detém-se à espera do balde que ela faz descer com uma corda, contendo moedas suficientes para pagar três nêsperas murchas. Loh konkon e Zen konkon no meio de tudo, os dois homens indiferentes à azáfama envolvente porque estão concentrados na partida diária de xiangqi, um ritual que nunca interrompem, como num dia qualquer.

Mas este não é um dia qualquer.

Haiwen abre os olhos.

Este é o dia em que ele parte.

Dali a duas horas, estará no comboio ao lado dos restantes recrutas, uma mochila volumosa a contrair-lhe a barriga, a fotografia de Suchi contra o peito, um aperto no coração, um aceno à imagem minguante da sua família. Sifo Li deixará para trás o longtang da sua infância; deixará para trás Fourth Road, com as movimentadas casas de chá e as casas de caligrafia; até Xangai em breve ficará também para trás. Nos anos que por ele aguardam, folheará as memórias deste lugar que foi a sua casa, empilhá-las-á umas sobre as outras como montículos de papel de arroz, procurará recordar o que aconteceu, e em que altura foi, mas jamais encontrará a resposta.

Por enquanto, Haiwen volta a cerrar os olhos. Percorre com a mente as travessas que conhece como a palma da mão, o caminho muito familiar entre a sua casa e a de Suchi, as pedras da calçada que pisará pela última vez nos próximos minutos: a distância de quatro casas entre o seu shikumen e a primeira rua principal à esquerda. Virar à direita ao fundo da rua que cruza com aquela que segue para o portal ocidental. Virar mais uma vez à esquerda, mais uma artéria principal. A linha reta e comprida, rumo ao guojielou do portão sul, virar à direita antes do arco da saída. As cinco portas despidas das traseiras até que surja o coelho pintado, o contorno branco a descamar despertando um aperto no peito de Haiwen. Abandonará ali o violino: imagina-se a pousá-lo, encostando-o à tinta lascada com a ternura de uma mãe que abandona o bebé adorado.

Sabe que irá levantar a vista e olhar para a janela do segundo piso. A janela de Suchi. Tal visão desperta nele uma solidão insuportável.

Aperta os olhos com mais força, esforça-se ainda mais, e o que se segue é impossível de concretizar: espreita pela janela dela, vê-a dormir. No instante seguinte, já abriu as portadas de par em par e entrou no quarto. Ela sonha, fala com ele, adormecida. Ele pousa a mão na sua cara, afaga-lhe com o polegar o suave veludo da pele. Absorve o traço das pestanas, o botão de rosa da boca. Uma boca que não lhe ocorreu beijar pela última vez. Quer recordar todos os poros da pele, todos os fios de cabelo soltos, quer gravá-la na memória, embora acredite que sempre a há de reconhecer, mesmo se já for velho quando regressar à sua presença, mesmo se ela tiver envelhecido e mudado, há de reconhecê-la. Afasta o cabelo colado aos lábios entreabertos, dedos hesitantes sobre o calor do seu respirar. Lamenta aquilo que se sentiu compelido a fazer, aquilo que já fez; jamais deixará de o lamentar.

O pesadelo dela amansou. Suchi pressente o aroma das ameixas à distância. *A primavera já vai tão adiantada?*, murmura. Irá, mais tarde, acordar e lembrar-se das palavras descuidadas que ela lhe disse na véspera; o arrependimento irá consumi-la durante metade da sua vida. Mas, por enquanto, sente o calor da presença de Haiwen a envolvê-la, o toque ternurento da mão que lhe afaga o rosto, e convence-se de que ele a perdoou. Sente que o corpo descontrai. Antes de um sono mais profundo e tranquilo se apoderar dela, consegue ouvir a voz dele ao ouvido, uma voz bondosa e tranquilizante. *Não tarda*, promete-lhe ele, *as chuvas das ameixas estão quase a começar*.



## Janeiro de 2008
Los Angeles

Um coro de violinos anunciou a entrada de Suchi na vida de Howard pela terceira e última vez. O quinto concerto para violino de Mozart, em Lá maior, uma celebração elegante, flutuava dos altifalantes abafados do 99 Ranch Market, um júbilo dourado que contrastava com a disposição de Howard, com a neblina turva e cinzenta que lhe cobria a vida desde que Linyee fora enterrada, dezasseis meses antes. Howard levantou o olhar das bananas que inspecionava, procurando a fonte da sua irritação. Em vez desta, encontrou-a a ela.

Ela escolhia melões coreanos, que tinham casca da cor da coalhada de limão. Howard viu-a testar a fruta com os nós dos dedos, a cabeça inclinada para ouvir. Ele convenceu-se de que, dessa vez, era realmente Suchi, apesar de todas as ocasiões em que erradamente a confundira com tantas mulheres nessas últimas quatro décadas. Mulheres com maçãs do rosto iguais às dela, andar igual ao dela, mas que, de perto, se tornavam outras pessoas. Ficou paralisado. O rosto da mulher era rechonchudo e flácido, com cabelo ralo e grisalho na raiz, mas os olhos… os olhos nunca mudavam, como alguém lhe dissera. E os dela, da cor do caramelo, brilhantes, eram tão intensos quanto se recordava de o serem, incluindo na singela tarefa de escolher o melão mais maduro.

— Perdão — hesitou dizer em mandarim, e ela levantou a cara. Os olhos arregalaram-se-lhe.

— Wang Haiwen.

O nome surgiu com cuidado, mais uma afirmação do que uma dúvida.

Ele foi incapaz de responder, por um segundo. Voltava a ser criança, adolescente, longe do supermercado americano, mas nas vielas da juventude de ambos. Apertou com força a pega do carrinho de compras, sentindo o plástico irregular morder-lhe a pele.

— És tu, então — disse.

— Wang Haiwen — repetiu ela, mas mais secamente, confirmando-o. Sorriu, assim revelando dentes demasiado direitos e brancos para serem naturais.

Ele empurrou o carrinho até que o posicionou ao lado do dela. Estava vazio, à parte três cachos de bananas; o dela enchia-se de verduras, uma caixa de peras asiáticas e um rabanete daikon.

— Agora vives cá? — indagou ele. Uma pergunta parva, mas não lhe ocorria mais nada.

— Estou a viver na casa do meu filho e da minha enteada há coisa de dois anos — respondeu no dialeto xangaiense.

Howard sentiu um abalo. Não ouvia a língua da sua infância há anos, e trouxe-lhe um alívio dorido, a sensação reminiscente de um rebuçado amargo que a avó em tempos lhe oferecera.

— Precisavam de ajuda a cuidar das crianças, foi o que alegaram — continuou Suchi —, mas, para ser sincera, acho que estavam preocupados que me pudesse sentir abandonada, pois vivia sozinha.

Howard entendia aquela solidão. Todas as manhãs, acordava numa casa vazia, esperando ouvir Linyee na cozinha, o tinir das panelas, uma caneca a ser lavada, a telenovela a decorrer na televisão. Em vez disso, havia apenas o som do vento nas árvores, ou o arrulho de um pombo solitário, ou os vizinhos a cortar a relva.

— E tu? — perguntou Suchi. — Há muito tempo que vives em Los Angeles?

— Há quase trinta anos que aqui vivemos — respondeu Howard em xangaiense, antes de se corrigir intimamente. *Nós* já não. *Eu*.

O olhar de Suchi suavizou-se.

— E a tua mulher?

Ele tornara-se assim tão transparente? O que pensava da esposa ficar-lhe-ia estampado no rosto, mesmo contra a sua vontade?

— A Linyee morreu há pouco mais de um ano — disse em voz baixa.

Ela murmurou uma condolência. Estendeu a mão e tocou-lhe no braço. Ele baixou o olhar para observar as costas daquela mão, reparando que havia manchas de idade a pontilhar-lhe as veias azul-escuras. Restava um vestígio de verniz coral lascado na unha do dedo mindinho. Em tempos, lembrou-se, ela teve mãos lindas.

— Pneumonia — adiantou, em resposta à pergunta que ela não lhe tinha feito. — A bem dizer, foi Parkinson.

Suchi retraiu a mão.

— Quem me dera ter podido conhecê-la — comentou.

— Eu teria gostado disso — retorquiu, e ambos ficaram calados por um instante, deixando que as duas simpáticas mentiras pairassem no ar, misturando-se.

Suchi quebrou o silêncio.

— Deves adorar bananas.

Olhou deliberadamente para o carrinho de compras que ele levava.

— Ajudam-me a digestão — comentou ele, fingindo-se defensivo.

— Se bem me lembro, o teu sistema digestivo era extremamente eficiente.

— Não sei se te acontece o mesmo, mas isto já não funciona tão bem como quando eramos miúdos. Estou desiludido com a velhice.

Suchi riu-se, de boca aberta e do fundo da barriga. O riso dela era igualzinho ao da sua memória, um chuvisco primaveril a embater contra a janela.

— É muito bom ouvir-te rir — disse ele, e imediatamente se arrependeu do sentimentalismo do comentário.

— E é bom ter-te encontrado, Haiwen.

— As pessoas agora tratam-me por Howard. É um nome mais fácil para a boca dos americanos.

— Hau-uad — pronunciou ela lentamente. — Para um chinês, não é assim tão fácil.

— E, no entanto, até os meus amigos chineses me tratam por Howard.

— Não foi esse nome que te deram na escola de missionários? Julguei que o detestasses.

Ficou espantado: já se tinha esquecido, ele próprio, da origem da versão inglesa do seu nome.

— Não me ocorreu mais nenhum — respondeu. — Agora já me acostumei.

— A minha sorte é que tenho um nome fácil para os americanos. As pessoas tratam-me por Sue, e pronto. — Abanou a cabeça e sorriu. — Bem, tenho de ir — disse. Escolheu uma peça de fruta da montanha de melões diante de si e fez questão de a experimentar com os nós dos dedos. — Devias levar um melão. Têm bom aspeto.

Foi quando já estava a sair do parque de estacionamento, dentro do carro, que ocorreu a Howard que nenhum deles pedira o contacto do outro. Se sentiu pena ou alívio, não soube dizer.

---

O telemóvel de Howard tocou enquanto ele arrumava as compras. Era um tijolo preto e grosseiro, sem quaisquer botões para carregar (que absurdo!) e um ecrã tátil apinhado de opções, prenda da filha mais velha, Yiping, a tecnologia mais recente e fixe, insistia ela. Além de atender as chamadas das filhas e de ocasionalmente desencadear a marcação automática, ainda não aprendera a usá-lo. Sempre que a filha ligava, recordava-lhe que era um desperdício de dinheiro, hábito que repetiu desta vez.

— Ba, já te disse que te ensino a mexer nele. Não é nada difícil. Teimosia tua.

— Já sou velho para isto — cortou ele. — Não me vou habituar a estas novidades. Que mal tinham os telefones normais?

— É que assim fico mais descansada — justificou Yiping. — Não tenho de ficar sem saber onde podes estar.

— Sou viúvo, não senil — respondeu ele.

Yiping pô-lo ao corrente das andanças dos netos — Jennifer ficara em segundo lugar no concurso de ortografia da quarta classe e Charlie fora nomeado primeiro-violino da orquestra do liceu. Comentou que

o marido, Adam, um chinês nascido na América e de descendência cantonesa que tinha conhecido na faculdade, voltara a ausentar-se por causa de trabalho, e que ela própria andava sobrecarregada no hospital.

— Ele viaja demasiado, e isso não é bom — comentou Howard à filha. — Os casais devem estar juntos.

— É a natureza da consultoria, Ba — alegou Yiping. — Vai-se para onde está o cliente.

— Estou só a dizer que é assim que os casais se afastam.

— Bem, nem todos podemos ser iguais a ti e à Ma, que jamais passaram uma noite separados um do outro. Quando vocês estavam casados, as coisas eram diferentes. O mundo mudou entretanto.

Howard tentou salientar que ele também viajava, de tempos a tempos, por motivos profissionais, mas Yiping interrompeu-o.

— Espera um bocadinho, os miúdos querem falar contigo.

Charlie não se esticou muito além de um «Olá, Gonggong, tudo bem?» em inglês, antes de passar o telemóvel a Jennifer, que desatou a falar durante vários minutos, sem pausas, fazendo-lhe um relato pormenorizado do concurso de ortografia e soletrando palavras inglesas que ele desconhecia.

— X-E-N-O-F-O-B-I-A! — exclamou, cheia de orgulho.

— Muito bem, baobei — lançou ele.

Antes de desligar a chamada, Yiping voltou a perguntar-lhe se não quereria morar com eles. Haiwen suspirou intimamente. Embora ambas as filhas se mostrassem mais preocupadas desde que a mãe falecera, ele não deixava de sentir que as chamadas frequentes da mais velha, mantendo-o a par da vida dos netos, eram desculpas mal-amanhadas para o vigiar, como se o pai fosse o seu terceiro filho. Pelo menos a mais nova, Yijun, parecia realmente interessar-se pelo que ele fazia e pensava; não o chateava com a intensidade de Yiping. Mas sentia-se incapaz de chamar a filha mais velha à atenção sem lhe ferir os sentimentos. Afinal, ela não conhecia outra forma de demonstrar o seu amor.

— O Maryland é um lugar demasiado frio para um velho como eu — foi tudo o que disse, e Yiping suspirou.

Howard preparou um jantar simples de arroz, feijão-verde e carne de porco fatiada com cebolas, enquanto na televisão passava uma partida

de futebol a que ele não ligava nenhuma. Não entendia patavina do que diziam os locutores desportivos espanhóis, mas a inflexão elevada e o entusiasmo acelerado das vozes não precisava de tradução.

Terminou a ceia com o pedaço de melão que Suchi o encorajara a comprar. Se Linyee ainda fosse viva, teria cortado os pedaços em cubos de proporções exatas, que serviria depois num prato com palitos espetados. Mas Howard não iria dar-se ao trabalho desse esforço adicional. Preferiu abocanhar a fatia em forma de canoa, deixando o sumo escorrer-lhe pelo queixo. A polpa era macia e doce, cheirava a lírios colhidos na véspera. Ignorou a dor do luto que lhe mordia a periferia do crânio e concentrou-se na sensação de, agora, poder ser desmazelado à vontade. *Isto é que é a alegria*, disse a si mesmo, dando nova dentada.

---

Nessa noite, foi visitado pelo habitual pesadelo: Xangai a arder, bombas a rebentar no horizonte, num jorro de labaredas carmesins, enquanto o barco em que ele se encontrava se enchia de água fria, que já lhe cobria as botas. Vultos lamacentos corriam na sua direção, desaparecendo antes que lhes tocasse. Tudo decorria numa perfeita mudez. Sem gritos, sem tijolos a explodir, sem vento e sem a percussão das armas de fogo. Pressentia que aguardava alguém, que se esquecera de algo. Antes que a sensação se clarificasse, o mar branco abocanhou-o, e afogou-se.

Howard acordou pela manhã agarrado a uma dor antiga. Era como se os braços envolvessem um vazio, como se a cavidade do seu tronco fosse mais cavernosa do que a pele fazia parecer.

---

Howard acabara de regressar da visita semanal ao cemitério quando o telemóvel tocou. Por norma, ignorava os números que não reconhecia, pois tratava-se habitualmente das televendas que queriam dar-lhe a volta para adquirir pacotes de férias, mas a dor da solidão permanecia-lhe no peito, e atendeu por impulso.

— Está? — disse em inglês.

Seguiu-se uma curta pausa com estática. Ele notou uma mudança no movimento. Depois:

— Howard?

Era uma voz feminina, acentuada com um sotaque chinês. Howard não a reconheceu. Sentiu a garganta estremecer.

— Quem fala? — inquiriu em mandarim.

— Pensas vir à festa do Wei? — perguntou a mulher. Howard não respondeu, confuso. A desconhecida acrescentou em inglês, com um toque de exasperação: — Sou a Yurong, lembras-te, a mulher do Wei? — E regressou ao mandarim, dizendo, num tom brincalhão: — Estás mesmo um velho demente…

Howard já se esquecera da festa de aniversário do amigo, que fazia oitenta anos. Era Linyee quem organizava a agenda social.

— Não reconheço este número.

— Ah, nossos filhos oferecerem telemóveis no Natal, o pingguo como esse que tua filha comprar para ti — explicou Yurong, transitando para «chinglês». — O Wei pensar que são muito mafan, mas netos mostrar à avó como tirar fotos. — Soltou um risinho. — Deixa lá, bie wang le, sexta-feira no Golden Phoenix. Cinco da tarde. Vai toda a gente aparecer. Já não nos vemos há muito tempo. Tens de vir.

A última vez que vira os amigos foi na sessão após o funeral, rostos turvos com pena dele que lhe murmuravam condolências. E antes disso? Não se lembrava. A doença de Linyee consumira-o demasiado.

— Combinado — respondeu Howard, anotando rapidamente a informação num *post-it*. — Lá estarei.

---

O Golden Phoenix era um daqueles restaurantes de bufetes dim sum de São Gabriel, localizado num centro comercial ao ar livre. Aos fins de semana, viam-se as famílias às voltas no amplo parque de estacionamento, atentas ao primeiro carro que saísse para ocuparem, triunfantes, o lugar vago. Nessa noite, o mesmo parque, embora repleto de viaturas, parecia mais civilizado. Os Hu, amigos de longa data dos primos dos filhos dos donos, tinham feito um acordo e reservaram o restaurante inteiro para a festa de Wei. Assim que Howard entrou, uma jovem apresentou-se, pegou-lhe no casaco e entregou-lhe um cartão vermelho com o número da mesa escrito em letras douradas.

A festa decorria já no *foyer*. Meninas pequenas envoltas em tule e rapazes com fatos cinzentos e laços em miniatura de padrão axadrezado corriam uns atrás dos outros, a arrastar balões com as mãos. Os pais encostavam-se por perto, com copos de ar pesado cheios de um líquido escuro — conhaque ou talvez *Coca-Cola*. Howard rumou para a mesa designada, junto ao estrado da frente, assumindo que Wei e Yurong ali se sentariam com as suas famílias, e ocupou a cadeira.

Satisfazia-o o facto de não ser o único viúvo do grupo — a mulher de Winston falecera cinco anos antes —, mas depois sentiu-se mal por ter tido um pensamento tão egoísta. Ainda assim, duvidou que aguentasse a noite se o tivessem colocado numa mesa apenas com casais. Embora as constantes discussões entre Tina e George despertassem sorrisos confrangidos em todos os presentes, e apesar de Jianfreng não parar de falar por cima da mulher de quarenta e poucos anos recém-imigrada, Howard tinha inveja deles. O casamento entre ele e Linyee não fora de modo algum perfeito; sobrevivera às diferentes origens de ambos, à desaprovação do pai dela, ao problema de jogo de que ele padecera, à imigração para um país estrangeiro, às incertezas financeiras e a outras situações. Houve momentos em que duvidou do seu amor por ela. E, contudo, no fim de tudo, mantiveram-se unidos pelo historial comum, pelas mágoas e pelos risos que ninguém mais compreenderia. Acima de tudo, era a companhia dela que lhe fazia falta.

Tina e George foram os primeiros a sentar-se à mesa. Depois, Mary e Michael, Jianfeng e a nova mulher (como se chamava ela? Howard não fixava o nome), e Yanhua e Ted. Howard levantava-se sempre que surgia um novo casal e apertava as mãos aos velhos amigos, respondendo diligentemente às questões sobre a sua vida atual («sim, ainda dou aulas de violino de tempos a tempos, só para me obrigar a sair de casa»), e em troca fazia-lhes perguntas sobre os filhos. George lembrou a Howard que seria o próximo: «Não celebraste há pouco tempo os teus setenta e sete anos? Outros três, e juntas-te ao clube dos octogenários!» E embora Howard fizesse uma anotação mental para procurar uma tão invulgar palavra, passados instantes já nem se recordava de como se pronunciava.

Apesar dos diferentes níveis de desembaraço com a língua inglesa (George, que frequentara uma escola britânica em Hong Kong, exprimia-se num inglês quase perfeito — ainda que tivesse um sotaque ligeiro —, embora ninguém soubesse se Michael entendia alguma coisa), ao longo dos anos tornara-se o idioma para o qual escorregavam predominantemente nos convívios, polvilhado com frases das várias línguas sínicas. Embora todos entendessem algum mandarim, Tina e George estavam mais familiarizados com o cantonês, Mary e Michael preferiam o taiwanês, e o sotaque de Pequim de Jianfeng era tão forte que Ted se queixava de que o amigo falava com berlindes nas bochechas. Portanto, acabavam por escolher instintivamente o idioma do país de adoção, mesmo que este fosse ocasionalmente difícil e esquivo.

Quando estavam todos finalmente sentados à mesa, Yanhua debruçou-se com ar conspiratório e apontou para os três lugares vazios da mesa redonda.

— Parece que o Winston arranjou uma namorada nova — comentou.

— Hai me! — exclamou Tina em cantonês.

— Soube através de uma amiga que vive em Coral Sunset — acrescentou Yanhua.

— Coral Sunset? — repetiu a mulher de Jianfeng num inglês hesitante.

— O lar de reformados onde o Winston vive — explicou Jianfeng em mandarim, impaciente. Fez sinal a Yanhua para que continuasse.

— Ela diz que costuma ver o Winston na companhia de uma mulher. Alguém que não pertence ao lar. Acha que a deve ter conhecido noutro lado.

— Noutro lado! — exclamou Tina. — Mas onde é que o Winston iria para conhecer mulheres!

— Ele não é nenhum aleijado — apontou George. — O mundo está cheio de lugares para se conhecerem mulheres. O supermercado, a biblioteca, o Starbucks…

— Ah, e como sabes tu disso? — lançou Tina. — É o que tu vais realmente fazer quando dizes que estás nas compras? Conhecer mulheres?

— Não saio à procura de mulheres, estou a fugir a uma chata em particular.

— Ah — escarneceu Tina —, como se alguma mulher desse troco a um feioso como tu!

Yanhua olhou-os de relance e revirou os olhos.

— Pronto, está bem, a Yurong dizer ele pedir «mais um lugar» para esta noite. A Yuroong quer saber quem é, está chateada, pois estragar a lista de pessoas por mesa, mas o Wei dizer a ela suanle, deixa o homem trazer quem quiser. O Wei só pôr condição, que é ela trazer uma amiga. — O olhar dela deslizou para Howard. — Uma amiga para ti.

Howard pressentiu que os olhares de todos se viraram para ele.

— Ah, não, não — respondeu.

— Wah, esta noite promete — riu-se Tina, e bateu as palmas.

— Muito gostas tu de embaraçar os outros — comentou George. E calou qualquer comentário azedo da esposa ao fazer sinal para o criado, a quem pediu uma garrafa de *Tsingtao*.

— Que bom, vieram todos — soou uma voz profunda. Howard virou-se para trás. Winston, com o seu grande porte e a calvície crescente, encontrava-se junto à sua cadeira, e, atrás deste, uma mulher elegante com cabelo curto e preto, numa camisa de lantejoulas douradas e calças de seda creme. Howard ouviu (e sentiu) um murmúrio deslizar como uma onda à sua volta. Winston deu-lhe uma palmada no ombro. — Howard — disse ele. — Há quanto tempo!

Howard levantou-se e apertou-lhe a mão enquanto examinava discretamente a mulher. Era muito diferente de Kay, a esposa de Winston. Kay era matrona e usou durante décadas uma permanente de caracóis. Budista devota, Kay preferia trajes modestos e, à parte a aliança de casada e um pingente de jade, que sempre trouxe nas ocasiões em que ele a vira, raramente usava joias. Winston adorava queixar-se daquela austeridade: «Que mulher tão difícil! O que pode um homem oferecer à esposa se ela não aprecia aquilo de que todas as outras gostam!» E, contudo, todos sabiam que Winston adorava não ter de gastar o dinheiro.

Em contraste, esta mulher reluzia de diamantes e ouro que lhe adornavam os dedos, os pulsos e os lóbulos das orelhas. Howard era capaz de perceber que fora linda em tempos; mesmo agora, aparentemente entrada na casa dos setenta, mantinha-se bonita.— E a senhora é…?

— Pode tratar-me por Annie — indicou, estendendo a mão, com as pedras preciosas nos dois dedos a soltar faíscas. Tinha uma voz surpreendentemente ameninada, e não havia um sotaque discernível no seu inglês.

Os outros convivas à mesa apresentaram-se e começaram a banhar Annie com perguntas enquanto o casal se sentava. Winston lançou um sorriso a Howard nas costas de Annie.

— Então — perguntou Mary, inclinando-se por cima dos braços cruzados —, conte como é que conheceu o Winston.

— Residimos ambos em Coral Sunset — explicou Annie.

— Oh! Então vive *mesmo* lá — sublinhou Yanhua.

— Bem, sim, estamos ambos envolvidos no coro… O Winston tem uma voz maravilhosa…

— Mas que romântico — intrometeu-se Tina. — Oxalá tivesse escolhido um homem capaz de cantar para mim. O George não tem ouvido para a música.

— Eu não deixei de cantar para ti, minha querida — disse George.

— Para me torturares — contrapôs ela, lançando-lhe um olhar de desagrado.

— Oh, esperem, não, nós não somos… — começou Annie no instante em que Winston se levantou e disse:

— Ah, ei-la por fim…

Howard virou-se para ver Winston esticar a mão para orientar uma mulher que se encontrava próxima da mesa. Uma bolha de espanto ascendeu por ele. Era Suchi.

— Perdoem o atraso — saudou ela em mandarim, deixando cair os ombros em sinal de arrependimento. As mangas largas do vestido azul-marinho subiram ao debruçar-se, revelando uma pequena ferida por cima do cotovelo esquerdo. Ao levantar a cabeça, o seu olhar cruzou-se com o de Howard, e os lábios entreabriram-se-lhe.

— Esta é a Zhang Suchi — apresentou-a Winston em mandarim, antes de retomar o inglês. — Mas podem tratá-la por Sue.

O grupo murmurou cumprimentos débeis, confundidos ou embaraçados, ou talvez ambos.

— Sue — chamou Annie, ainda sentada, esticando a mão e tocando no braço de Suchi. — Ainda bem que conseguiste vir.

Winston conduziu Suchi até ao lugar desta, a três cadeiras de distância do de Howard.

— É muito agradável ver toda esta gente reunida — comentou em mandarim, dando palmadinhas na mão de Suchi. Ela olhou para baixo e, um segundo depois, retraiu a mão e pousou-a no colo.

— Então é *você* a nova miúda do Winston — comentou Tina, trazendo a conversa de volta para o inglês. Mary lançou-lhe um olhar admonitório.

— Não seremos demasiado velhos para essas designações? — perguntou Winston. — Na idade dela, é um pouco insultuoso tratá-la por *miúda*.

— É natural de onde? — perguntou Mary a Suchi.

— Mudei-me de Nova Iorque — declarou Suchi. — O meu filho vive aqui.

— Ela refere-se à laojia — indicou Yanhua. — A sua terra natal.

— Xangai — respondeu Suchi.

— Oh! — exclamou Tina. — O Howard também é de Xangai. Se calhar foram vizinhos!

Todos os olhares voltaram a recair em Howard. Ele fitou intensamente o suporte prateado dos pauzinhos que tinha à sua frente. Era como um dragão em miniatura, revirado num S deitado, e sustinha uma nuvem no alto.

— A verdade é que… — começou Suchi por dizer, mas foi interrompida por uma voz feminina aos berros, «Boa noite!», em mandarim, pelos altifalantes. Yurong, envolta num vestido de renda dourada e creme, avançara até à berma do palco com um microfone.

— Sejam todos bem-vindos! — anunciou. Abriu um sorriso rápido e continuou em inglês: — Eu e o Wei estamos felicíssimos por vos ter aqui. — Lançou um olhar a Wei, sentado atrás dela com um *smoking*. Ele acenou, anuiu e sorriu. Atrás de ambos, no painel vermelho-vivo, o caractere dourado 壽[1] reluzia do chão ao teto. — É mesmo bom ver tantos amigos e a nossa família. Faremos alguns discursos a seguir,

mas sei que estamos todos com fome… já passa da hora de jantar para nós, os velhotes! Portanto, vamos servir o primeiro prato.

Uma grande travessa com alforrecas frias, orelhas de porco cortadas em juliana, carne de vaca marinada em fatias, pepinos e cogumelos cauda de peru, guarnecida com um impressionante coelho de cenoura, foi colocada na base giratória do centro da mesa. O grupo atacou a comida, esquecido das perguntas.

Enquanto os pratos iam sendo servidos, Howard tentou esquivar-se à curiosidade de Annie sobre o seu processo de luto, procurando em vez disso esforçar-se por escutar o que Suchi dizia. Teria já revelado que eles os dois se conheciam? Esperava que fosse ele a contar? Mas o momento para referir o assunto parecia ter passado.

No clímax da refeição de treze pratos, enquanto se serviam as lagostas, Yurong reentrou em palco para anunciar que várias pessoas queriam fazer discursos.

— Mas eu é que não… o Wei diz que não me calo.

E chamou Jack, o filho, para o palco.

Howard apanhou o que Yanhua murmurava na outra ponta da mesa para Tina e Mary.

— Contaram-me que o divórcio dele foi terrível. A mulher traiu-o com um colega do trabalho.

Jack fez um discurso cheio de sentimento, contando que Wei o ensinara a consertar o autoclismo aos nove anos, e que admirava o facto de o pai ter chegado àquele país sem absolutamente nada, mas que conseguiu montar um negócio bem-sucedido. Depois de Jack, entrou em palco Bruce, um branco que era colega de longa data de Wei, e pôs-se a contar piadas.

— O Wei foi o primeiro chinês que conheci, uma sorte para os chineses que conheci depois — comentou, rindo-se nervosamente ante o silêncio. Ted também fez um discurso sobre quão grato estava a Wei por os ter acolhido tão bem, a ele e Yanhua, quando imigraram.

— Sem ele e sem a Yurong, jamais teríamos descoberto onde ficava a mercearia chinesa mais barata nem como pagar as contas!

Ao discurso de Ted seguiu-se a atuação de uma das netas de Wei, que dedilhou a guitarra e cantou uma melodia que disse ter composto

em honra do avô. A letra da cantiga era divertida, mais que não fosse por descrever os arrozais dourados e as cabanas de palha da juventude de Wei, embora Howard duvidasse que estes fizessem parte das memórias dele, pois Wei crescera numa Pequim muito concorrida.

Após os discursos, um DJ começou a tocar música. Abriu com «Goodbye My Love», uma cantiga popular de Teresa Teng que se ouvia em todos os acontecimentos sociais em que Howard participava com este grupo. Howard viu que Wei conduzia Yurong para a pista de dança, recordando-lhe as inúmeras vezes em que ele e Linyee tinham dançado lentamente ao som daquela mesma canção. Ela adorava Teresa Teng.

— Queres dançar? — perguntou Winston a Suchi.

— Estou demasiado cheia — respondeu esta em mandarim. — Dança tu sem mim.

— Muito bem — acedeu Winston. — Annie?

Estendeu o braço para ela e ambos se encaminharam para a pista de dança.

Howard olhou de relance para Suchi, que observava atentamente os casais.

— Adoravas dançar — disse ele em mandarim. — Mesmo sem par.

Suchi virou-se para Howard.

— Os meus joelhos já não aguentam — volveu ela em xangaiense, e ele lembrou-se que eram assim as suas conversas, transitando fluidamente entre o idioma da sala de aula e o das ruas.

— Então, tu e o Winston — respondeu ele. — Há quanto tempo dura?

— Somos apenas bons amigos — esclareceu ela.

— Estás de mão dada com todos os teus amigos?

Ela fez uma careta e voltou a concentrar-se no grupo que bailava.

— Adoro esta música.

— Também desististe de cantar? — perguntou Howard.

— E tu, desististe do violino?

— Não propriamente — respondeu ele. Há anos que a artrite lhe dificultava a capacidade de tocar as peças menos simples.

— E eu não desisti de cantar. Há coisas que não mudaram.

— Tal como tu — apontou ele. — Estás igual ao que eras dantes.

Suchi riu-se e lançou-lhe um irónico olhar de relance.

— Dantes, quando? Seguramente, não estou igual ao que era quando fomos jovens. Vejo-me ao espelho e pergunto a mim mesma quando é que a minha cara ficou tão gorda!

— Não estás assim tão diferente das minhas recordações da nossa adolescência — comentou Howard. — Mas o que quero dizer é que não envelheceste muito desde a última vez que te encontrei.

— Na semana passada, no supermercado? Espero bem que não. — Sorriu abertamente. — Também tens bom ar.

Teria ela propositadamente interpretado mal o que ele disse? Referia-se à noite que ambos passaram juntos, havia muitos anos, e sentiu o rosto a ficar vermelho. Se o assunto a incomodava, seria indelicado insistir.

— Reparei que não disseste que eu continuava igual — provocou-a.

Ela soltou um risinho.

— Tentei ser simpática sem mentir.

— Mas alguma vez tentaste ser simpática comigo? Eras uma miúda tão má.

— Tu não te defendias! — exclamou ela. Tinha o olhar dançante, e avivou a memória dele. A forma como ela sempre o olhou.

— Eras mandona.

— Mas tu gostavas disso em mim — volveu ela. — E, aliás, teria chamado a tua atenção de outra forma? Andavas sempre embrenhado na música na tua cabeça.

— É bem verdade — admitiu ele, lembrando-se de que ela costumava interrompê-lo quando ele começava a ensaiar o violino no pátio interior do shikumen da família, e punha-se a fazer danças idiotas para lhe despertar gargalhadas e atrapalhar-se, fingindo ser uma cantora de ópera de Pequim, esticando o nariz e cantando num timbre agudo e irritante. Já nessa época ele a admirava, à sua confiança e vivacidade, embora jamais lho tivesse admitido. — Sem ti e a Sulan, nem sei se teria alguma vez saído da minha casca.

— A Sulan também era mandona contigo, se bem me lembro. Não te importavas nada que mandássemos em ti.

— Como é que está a tua irmã, por falar nisso? — perguntou Howard.

O sorriso de Suchi desapareceu. Abanou a cabeça.

— Faleceu em 1990.

Howard levou a mão à boca.

— Oh, Suchi. Um repente de culpa ascendeu-lhe pela coluna ao recordar aquele inesperado encontro com Sulan. Ela parecia envelhecida e frágil, mas ainda irradiava elegância e serenidade. Teria Sulan alguma vez contado à irmã que o vira?

Suchi afastou o olhar.

— Há décadas que ela combatia uma doença crónica, mas acabou por contrair uma infeção urinária e… — Rodou a mão no ar como se dissesse *Já sabes o resto*. — Mas teve uma vida boa. Foi feliz.

A voz de Suchi era marcada com uma saudade agridoce. Howard ficou a pensar se a voz dele também estaria carregada de sentimento quando falava de Linyee.

— Não se torna mais fácil, pois não?

Suchi voltou a fitá-lo.

— Tem sido muito mau? — perguntou-lhe em inglês. As palavras saíram da boca dela com cautela e discrição, contrárias à cadência acelerada e entrecortada do seu xangaiense ou ao requinte do seu mandarim. Nunca se tinha dirigido a Howard em inglês, e esse mero facto acentuou a distância entre ambos, imposta pelos anos.

— É complicado. Não há dia em que não sinta a falta dela.

— Acredito — disse ela. — Tenho muita pena.

— Obrigado — disse ele. — Por perguntares.

Ela anuiu com ternura no olhar e Howard sentiu o mesmo que na sua juventude: que ela o entendia perfeitamente, que ele ficava exposto apesar de ela insistir que, para o comum mortal, Howard continuava inescrutável. Tal reconhecimento aliviou-o.

— Tenho medo.

Não esperava proferir estas palavras, mas, ao soltá-las no ar, percebeu que eram uma confissão.

— Eu sei — disse ela, a voz a tremer de pena.

Howard percebeu que Suchi ainda não se referira ao marido, que na mercearia deixara escapar que morava sozinha antes de se mudar para a casa do filho. E perguntou a si mesmo o que teria acontecido: se se teriam separado ou se ele falecera.

— Também sentes o mesmo? — perguntou-lhe em xangaiense.

Ela hesitou.

— Foi assim que me senti quando partiste.

Por um instante, Howard não reagiu. Curvou a cabeça e fitou as mãos, gastas e entrelaçadas no colo.

— Suchi…

— Doudou — disse ela com voz meiga. Há anos que ninguém o tratava por aquele nome. — O passado já não volta.